

**UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ**

**André Luiz de Siqueira**

**O ENSINO DE CONCEITOS HISTÓRICOS A PARTIR DAS HQs  
DE “*HAGAR, O HORRÍVEL*”**

**CURITIBA**

**2010**  
**André Luiz de Siqueira**

**O ENSINO DE CONCEITOS HISTÓRICOS A PARTIR DAS HQs**  
**DE “*HAGAR, O HORRÍVEL*”**

Trabalho apresentado à disciplina de Estágio Supervisionado III do Curso de História – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná.

Professora: Maria Cecília Giovannella

**CURITIBA**  
**2010**

## O ENSINO DE CONCEITOS HISTÓRICOS A PARTIR DAS HQs DE “HAGAR, O HORRÍVEL”

### Resumo

O presente artigo visa identificar de que forma as histórias em quadrinhos (HQs) podem ser utilizadas em sala de aula, principalmente na disciplina de História. Apesar de, na maioria das vezes, haver certo consenso entre os professores em evitar discutir conceitos teóricos em sala pela complexidade que estes apresentam, as HQs do personagem *Hagar, o Horrível*, de Dik Browne, surgem como um excelente veículo de apresentação e de análise de conceitos historiográficos como, por exemplo: concepção de História, de sujeito histórico, de memória, de anacronismo, e temporalidade, permitindo que os estudantes possam ter acesso aos elementos que perfazem a reflexão histórica de maneira divertida.

**Palavras-chave:** historiografia – quadrinhos – educação.

Durante muito tempo as histórias em quadrinhos (HQs) ficaram a margem de quaisquer considerações didáticas, uma vez que eram tratadas como se fossem uma espécie de literatura “inútil”, “ingênua”, “infantil”, ou, na melhor das opções, um bom passatempo nos momentos de tédio.

Entretanto, essa visão um tanto pejorativa das HQs foi totalmente revista a partir dos anos de 1970, quando Ariel Dorfman e Armand Mattelart em sua célebre obra *Para ler o Pato Donald*, revelaram os complexos mecanismos existentes na construção desta literatura *sui generis*, tratando “o tema quadrinhos sob o ponto-de-vista da análise crítica e, desde então, não é possível mais pensar nas histórias – aí incluídas as infantis – como simples leitura inocente, mas como objeto de aquisição de conhecimentos” (SANTOS, 2009).

Esta constatação de que as HQs não podem ser reduzidas apenas a um passatempo, uma vez que guardam “codificadas”, em seu jogos de palavras e imagens, informações importantes não somente sobre a época em que estas foram criadas, mas sobre as ideologias e cosmovisões que expressam, seja com um rigor apologético ou mesmo com bom-humor refinado, seja implícita ou explicitamente, de alguma maneira facilitou sua entrada no conjunto dos métodos pedagógicos de aprendizagem mais atuais.

Para Vergueiro, esta introdução das HQs nos currículos escolares ocorreu, antes de mais nada, porque se tratava de uma leitura agradável e acessível à maioria das faixas etárias. Para o autor,

(...) há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano de crianças e jovens, sua leitura muito popular entre eles. Assim, a inclusão das histórias em quadrinhos na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades de aula (VERGUEIRO, 2007, p. 21).

Talvez, esse interesse e abertura mostrado pelos estudantes diante das HQs, deva-se ao fato de que esse tipo de literatura não agride o leitor, mas respeita seu ritmo próprio de leitura e sua criatividade ao permitir que ele mesmo possa dar vida aos personagens. Durante a leitura das “tirinhas”, como às vezes são chamadas, o estudante é a todo momento desafiado e ele gosta disso. Como novamente recorda Vergueiro,

(...) sendo uma narrativa com linguagem fixa, a constituição de uma história em quadrinhos implica na seleção de momentos-chave da história para utilização expressa na narrativa gráfica, deixando-se outros momentos cargo da imaginação do leitor. Dessa forma, os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, complementando em sua mente os momentos que não foram expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensamento lógico (VERGUEIRO, *Ibid.*, p. 24).

Como se pode notar, a utilização das HQs na sala de aula deu-se gradativamente e, em um primeiro momento, como uma eficaz ferramenta a fazer com que os alunos tomassem gosto pela leitura e que, de alguma forma, se sentissem estimulados a desenvolverem um raciocínio coerente, fazendo-os perceber como se constrói um pequeno discurso com começo, meio, e fim.

Somente mais tarde as HQs, finalmente, adentraram as aulas de História. Seja por desconfiança seja por mero despreparo dos professores desta disciplina em não saberem definir e articular até que ponto as HQs podiam refletir as peculiaridades do tempo de sua construção e até que ponto essas narrativas poderiam contribuir ou confundir a cabeça dos estudantes com suas representações um tanto fictícias, “a utilização das histórias em quadrinhos no ensino de História ainda é rara e tímida” (VERGUEIRO, *Ibid.*, p. 105).

Para as modestas intenções deste trabalho, as HQs – em nosso caso, os quadrinhos do personagem *Hagar, o Horrível*, do cartunista norte-americano, Dik Browne (1917-1989) – podem se transformar em um excelente instrumento de ensino de conceitos históricos como, por exemplo, as noções de anacronismo; civilização/barbárie (cultura); temporalidade; memória e História; sujeitos históricos; entre outros.

O conceito de “anacronismo”, por exemplo, é muito pertinente nos estudos históricos. Etimologicamente, anacronismo significa “sem tempo” ou “sem dimensão temporal”, isto é, “atitude de não levar em consideração o tempo ou época de um determinado evento”. Assim, em História, denominamos “anacrônico”, grosso modo, qualquer tentativa de se julgar eventos de outra época com os critérios e valores de nossa época.

Há um risco de se pensar que as HQs podem ajudar a entender a História desde que, ao menos minimamente, apresente uma narrativa que chegue perto do que “realmente” ocorreu no passado. Entretanto,

(...) os quadrinhos que contêm anacronismos também podem ser aproveitados no ensino de História, a começar pelo fato de, em si, servirem como exemplos que podem ajudar o estudante a compreender o conceito de anacronismo. Esse conceito pode parecer óbvio para os historiadores e professores de História, mas também por demais abstrato e de difícil compreensão para estudantes do ensino básico (VERGUEIRO, *Ibid.*, p. 120).

Em uma das histórias de *Hagar, o Horrível*, nosso “herói” navega com seus temíveis guerreiros, durante uma campanha, e ao desembarcarem numa terra desconhecida são recebidos por indígenas com presentes, entre os quais uma suculenta pizza que é logo “reconhecida” pelo navegador do grupo, Eddie Sortudo (Fig.1).



Fig. 1.

O anacronismo aqui é evidente, pois, como descreve Mort Walker, comentando o personagem de Dick Browne, à sua maneira, e com algumas imprecisões históricas já corrigidas pela moderna historiografia,

(...) os vikings eram bárbaros com sede de sangue, louros e de olhos azuis, que aterrorizavam a Europa há quase 1000 anos. Este é o cenário histórico para “Hagar”, mas é só até aí que a autenticidade entra no quadrinho. “Não é um quadrinho sobre um viking”, insiste Dik, “é sobre a fantasia de um viking” (WALKER, *Apud* BROWNE, 2008, p. 69),

e, ao menos até onde se sabe, os indígenas “americanos” não conheciam a pizza nos anos mil de nossa Era. Na verdade, nem mesmo Hagar e seus homens a conheciam!

As aventuras imaginadas por Browne estão repletas de discussões entre o mundo dito “civilizado” e o mundo dito “bárbaro”. Estes conceitos também são essenciais no estudo e na aprendizagem da História. Perguntas do tipo: “quem define o que é “bárbaro” e o que é “civilizado”?” deveriam estar presentes em todas as discussões em sala, durante as aulas de História. Hagar, e seu destemido exército, neste sentido, é sempre o “bárbaro”, sujo, glutão, mal-educado, e que odeia os livros que seu filho, Hamlet, traz para casa. Em um das tirinhas, Hagar fica indignado, por exemplo, com seu amigo “azarado”, Eddie Sortudo, que confunde um relógio-de-sol com uma balança de conferir peso, ilustrando sua quase irritante ignorância. (Fig. 2).



Fig.2

Como já foi dito, nem seu filho, Hamlet, escapa desse dualismo civilização/barbárie, pois mesmo sendo a “vergonha” da família, por saber ler e escrever e ser muito polido em seus gestos, ainda consegue fascinar sua mãe, a “áspera” amiguinha, Frida (Fig. 3).



Fig. 3

Para Hagar, a imagem ideal do mundo “civilizado” eram os ingleses. Bem, é verdade que nosso viking os considera orgulhosos e arrogantes (e também um tanto “frescos”), mas de alguma maneira os admira por seus “bons” costumes. Isso é bem ilustrado num outro episódio em que Hagar apresenta um “típico” inglês a Eddie. Quando o homem diz seu nome (“Sir Oliver Clinton Fedwick Butterworth IV”), Eddie fica surpreso quando descobre que aquele era apenas o jardineiro (Fig.4).

Fig. 4



Outra noção importante que pode ser ensinada a partir das aventuras de Hagar, é noção de temporalidade. Para Holien Gonçalves Bezerra,

(...) não se trata de insistir nas definições dos diversos significados de tempo, mas de levar o aluno a perceber as diversas temporalidades no decorrer da História (...). Sendo um produto cultural forjado pelas necessidades concretas das sociedades, historicamente situadas, o tempo representa um conjunto complexo de vivências humanas (BEZERRA, *Apud* KARNAL, 2003, p. 44).

Esta percepção da passagem do tempo, bem como alguns “saudosismos dos bons tempos” que, invariavelmente, este pode trazer consigo, podem também ser “pinçados” de uma divertida tirinha de nosso viking. Hagar e Eddie Sortudo estão em um cemitério quando o primeiro pede para Eddie que leia a inscrição gravada em um dos túmulos, ao que o companheiro responde pausadamente: “*Não se fazem mais armaduras como antigamente*” (Fig.5).

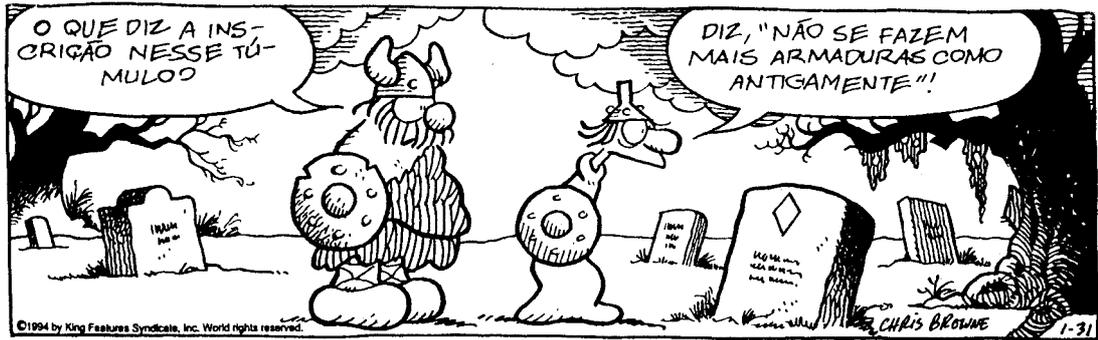
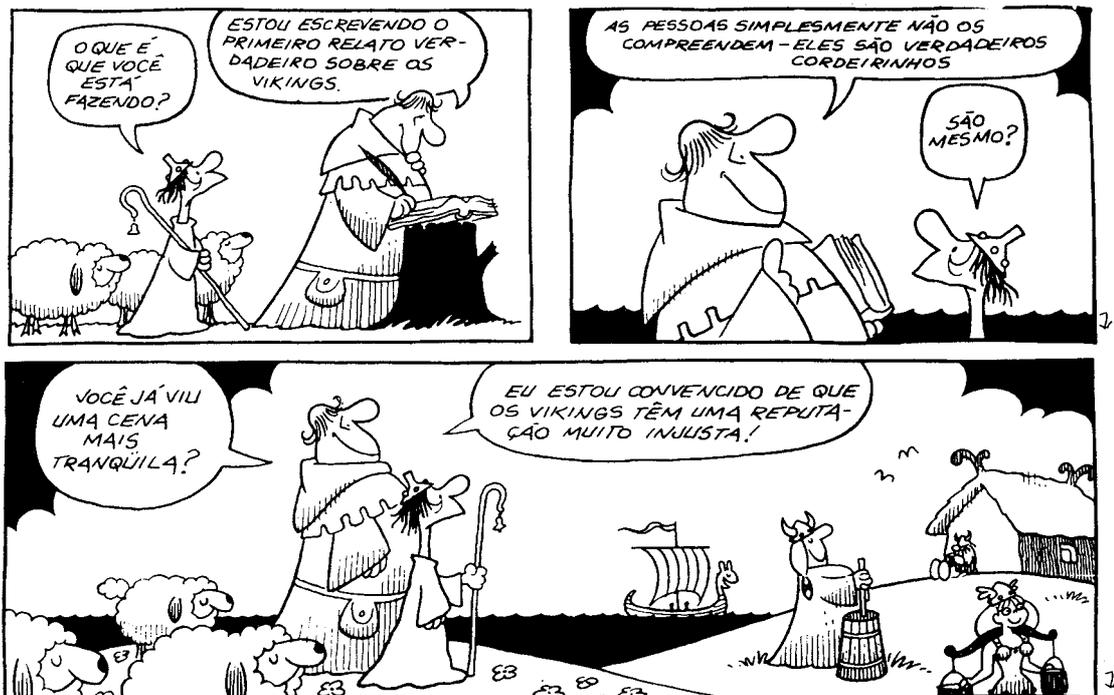


Fig.5

A memória é outro conceito-chave na compreensão da História e, neste intuito, os vestígios, os documentos do passado passaram a ter, a partir das novas abordagens historiográficas, um papel essencial, pois como observa o historiador Jacques Le Goff, “todo documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta” (LE GOFF, 2003, p.248). Quando um cronista resolve, então escrever uma “verdadeira” história dos vikings desmistificando uma antiga imagem negativa desses guerreiros, na verdade levanta novamente o pertinente problema das relações entre a memória escrita, os testemunhos e a verdade (Fig. 6).



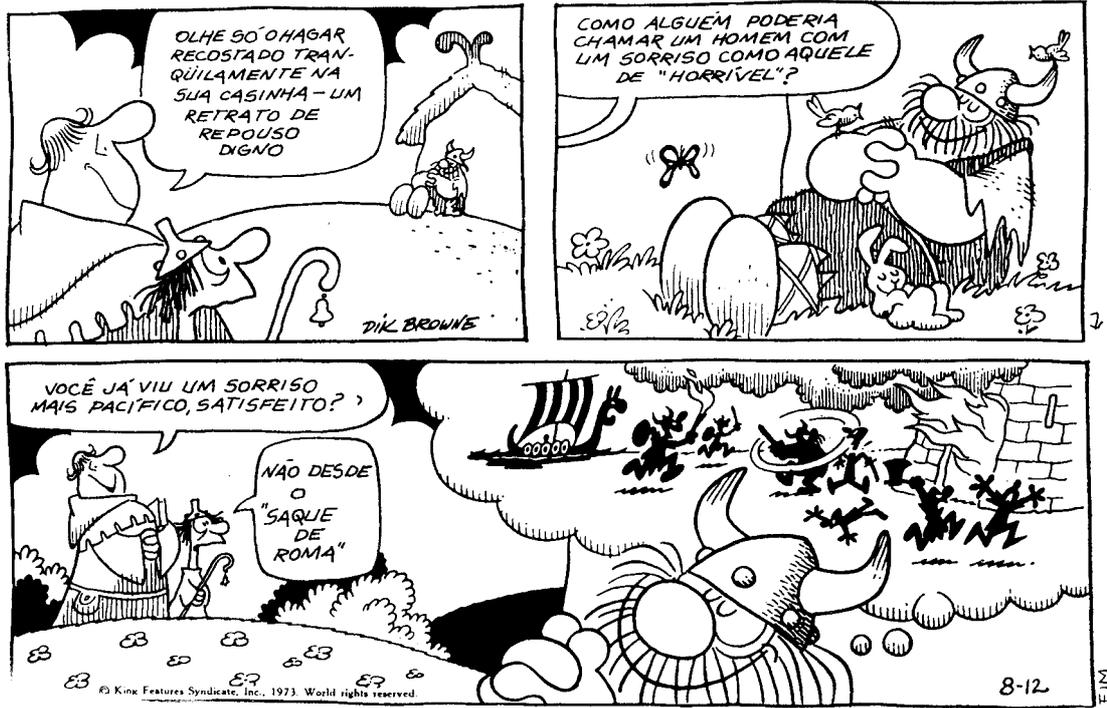


Fig. 6

Curiosamente, em outro quadrinho, Hagar chega até a esboçar uma reflexão pertinente sobre a relação entre memória e monumento que pode ser considerada digna de poder ser utilizada até em discussões calorosas no meio universitário. É o caso de quando, diante do famoso monumento de Stonehenge, Hagar dá uma aula sobre as esquisitas articulações entre poder, memória e esquecimento (Fig. 7)





Mesmo quando chega cansado de mais um saque à Inglaterra, Hagar não fica muito preocupado ao receber a notícia de que durante sua ausência de casa, muitos fatos extraordinários e históricos ocorreram por toda a Europa, bem como as implicações diretas e indiretas que isso possa acarretar em sua vida cotidiana, mas não cabe em si de alegria quando recebe a notícia de que seu cachorro, Snert, teve filhotes: “Oba! Filhotes!” (Fig. 9).



Fig. 9

Se é verdadeiro afirmar que as concepções de História (e de passado) variam de acordo com a época em que são construídos, é também verdadeiro dizer que também os conceitos usados pela investigação histórica não são imutáveis e atemporais, mas possuem sua historicidade. Num episódio bastante emblemático, Hagar pede que seu atrapalhado companheiro, Eddie Sortudo, conferisse se a “Idade das Trevas” – designação durante muito tempo atribuída à Idade Média, de forma pejorativa, pelos pensadores renascentistas – já havia terminado, ao que Sortudo abre a porta da casa e, tomado pela escuridão, conclui: “Ainda não” (Fig.10).

Fig. 10



Enfim, as aventuras de Hagar e de seus companheiros, antes mesmo de serem utilizados como uma forma de ensinar a história da civilização viking e suas intrincadas e, às vezes questionáveis relações tanto com romanos quanto com os ingleses (coisa que deverá ser feita com muita cautela pelo professor), servem para ilustrar muito bem aos alunos os conceitos complexos utilizados na construção da pesquisa histórica. Tudo isso de uma maneira bem humorada, já que, segundo Mort Walker, “quem poderia odiar um viking?” (WALKER, *Op. cit.*, p. 69).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: LP&M, 2006. v. 1.  
 \_\_\_\_\_. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: LP&M, 2008. v. 2.  
 \_\_\_\_\_. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: LP&M, 2007. v. 3.  
 \_\_\_\_\_. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: LP&M, 2007, v.4.
- KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp, 2003
- SANTOS, Walderclaudio Nascimento. *Leitura a partir da história em quadrinhos*. <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/leitura-atraves-da-historia-em-quadrinhos-1131521.html>. 2009. Acessado em 12/11/2010.
- VERGUEIRO, Waldomiro et RAMA, Ângela (orgs.). *Como usar histórias em quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007.

